

A RELAÇÃO ENTRE MULHER E DIABO NO GÊNESE B DO MANUSCRITO DE JUNIUS

LA RELACIÓN ENTRE MUJER Y DIABLO EM EL GÉNESIS B DEL MANUSCRITO DE JUNIUS

THE RELATIONSHIP BETWEEN WOMAN AND DEVIL IN GENESIS B OF JUNIUS MANUSCRIPT

SOUZA, AYANNE LARISSA ALMEIDA DE

Doutora e Mestre em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

E-mail: ayannealmeidasouza03@gmail.com

RESUMO

A narrativa genesíaca do Jardim do Éden é conhecida popularmente como a história da queda da humanidade provocada pela tentação do Diabo em relação à mulher, que levou o homem a pecar. Desde a Bíblia, passando também pelos comentários dos primeiros padres da Igreja, no início da Idade Média, a imagem do Diabo na narrativa do Jardim sempre apareceu sob a forma de uma serpente que levava a mulher ao pecado, enganando-a, uma vez que Eva não fora capaz de reconhecer o Mal na aparência reptiliana. O presente artigo tem por finalidade fazer uma análise do poema saxão intitulado *Gênese B*, presente no *Bodleian Junius 11*, datado do século X, por volta do ano mil, e publicado pela primeira vez por Franciscus Junius, em 1655, investigando a relação entre a mulher e o Diabo na narrativa do Jardim do Éden saxão presente nesse poema. Nossa proposta é compreender a figura do Diabo no supracitado poema e a relação que é estabelecida entre ele e a mulher, e quais implicações poderíamos perceber nessa nova roupagem dada ao Diabo no que diz respeito à relação que o feminino viria a ter com o demoníaco, séculos posteriores à escritura do poema saxão, no período que conhecemos como a caça às bruxas. Trabalharemos em cima da tradução que Susan Oldrieve fez do texto saxão para o inglês. Em seguida, colocamos as traduções para o português a fim de permitir um melhor entendimento dos trechos citados.

PALAVRAS-CHAVE: diabo; mulher; jardim do éden; bodleian Junius 11; gênese b.

RESUMEN

La narrativa genética del Jardín del Edén se conoce popularmente como la historia de la caída de la humanidad causada por la tentación del Diablo hacia las mujeres, que llevó al hombre al pecado. Desde la Biblia, pasando también por los comentarios de los primeros sacerdotes de la Iglesia, a principios de la Edad Media, la imagen del Diablo en la narración del Huerto siempre ha aparecido en forma de serpiente que llevó a la mujer al pecado, engañándola, ya que Eva no había podido reconocer al Mal en su apariencia reptil. El propósito de este artículo es analizar el poema sajón titulado Génesis B, presente en el Bodleian Junius 11, que data del siglo X, hacia el año 1000, y publicado por primera vez por Franciscus Junius, en 1655, investigando la relación entre mujer y el diablo en la narrativa del jardín sajón del Edén presente en este poema. Nuestra propuesta es comprender la figura del Diablo en el mencionado poema y la relación que se establece entre él y la mujer, y qué implicaciones podríamos percibir en este nuevo disfraz que se le da al Diablo con respecto a la relación que vendría lo femenino a tener con el demoníaco, siglos después de la escritura del poema sajón, en el período que conocemos como la caza a las brujas. Trabajaremos en la traducción de Susan Oldrieve del texto sajón al inglés. Luego, colocamos las traducciones al portugués para permitir una mejor comprensión de los extractos citados.

PALABRAS CLAVES: diablo; mujer; jardín del éden; bodleian Junius 11; génesis b.

ABSTRACT

The Garden of Eden's gene narrative is popularly known as the story of the fall of mankind caused by the Devil's temptation towards women, which led man to sin. Since the Bible, also passing through the comments of the first priests of the Church, in the beginning of the Middle Ages, the image of the Devil in the Garden narrative has always appeared in the form of a serpent that led the woman to sin, deceiving her, since Eva had not been able to recognize Evil in her reptilian appearance. The purpose of this article is to analyze the Saxon poem entitled Genesis B, present in the Bodleian Junius 11, dating from the 10th century, around the year 1000, and published for the first time by Franciscus Junius, in 1655, investigating the relationship between woman and the devil in the Saxon Garden of Eden narrative present in this poem. Our proposal is to understand the figure of the Devil in the aforementioned poem and the relationship that is established between him and the woman, and what implications we could perceive in this new guise given to the Devil with regard to the relationship that the feminine would come to have with the demonic, centuries after the writing of the Saxon poem, in the period that we know as the witch hunt. We will work on Susan Oldrieve's translation of the Saxon text into English. Then, we put the translations into Portuguese in order to allow a better understanding of the excerpts cited.

KEYWORDS: devil; woman; eden's garden; bodleian Junius 11; génesis b.

INTRODUÇÃO

Os estudos culturais, nos últimos tempos, possibilitaram aos pesquisadores interessar-se por temáticas as mais variadas possíveis no que se refere às análises das sociedades complexas e de suas práticas culturais. Em um profundo esforço hermenêutico, o tema do artigo alinha-se ao campo historiográfico da História da Cultura, dentro do qual podemos analisar e investigar as representações dentro do imaginário social em uma determinada época.

As faces do Diabo são desveladas a partir de uma análise de documentos textuais e imagéticos, o que permite perceber como a representação de um mito, de uma ideia, de uma divindade, foi se adequando paulatinamente às necessidades de cada geração, a partir dos dois vetores que definem a construção do saber histórico: o tempo e o espaço.

Contudo, se em um primeiro momento a ideia do Mal não foi incorporada em uma figura singular, permanecendo algo indefinido, foi no século XII que o Diabo entrou em cena, saindo dos bastidores para o grande palco da História. De acordo com Robert Muchembled (2001), foi nesse momento, entre os séculos XII e XV, que a noção teológica do Mal começou a encarnar-se sob a forma aterrorizante de imagens que pintavam um Diabo quase semelhante ao humano e que, como tal, também poderia ser enganado e vencido.

A maior parte das pesquisas que possuem o Diabo ou o diabólico enquanto temática central foca nos séculos do período renascentista (XIV-XVI), pouca importância dando ao desenvolvimento da figura do Diabo antes do século XII, início da transformação do anjo caído em Satã, quando há uma brusca mudança dessa imagética diabólica promovida pelas mudanças políticas e científicas, pelas transformações paradigmáticas que atingiram a Europa e chegaram até o Inferno.

Satã, Lúcifer, Samael, Asmodeu, Belial, Belzebu... Investigar e analisar o Diabo em sua infância é perceber uma dimensão demoníaca que iria influenciar a nossa visão do Mal na contemporaneidade. No denominado “poema de Junius”, do século X, surge o Diabo humanizado, a própria figura bela e revolucionária que seria adorada pelos românticos através de John Milton.

A associação das mulheres com as figuras da Serpente e do Diabo ou do Mal é extremamente comum, inclusive nos filmes e na literatura atuais. A ligação entre Eva e a tentação no Paraíso, a primeira Mulher enganada pela Serpente, que representa o próprio Mal materializado, ainda encontra-se presente no imaginário popular.

Mas a raiz dessa tendência popular está no *Gênese* da Bíblia e suas interpretações pelos teólogos e pais da igreja. Embora tenhamos referências de figuras similares que relacionam mulheres e o princípio do Mal em outras religiões, a relação entre as mulheres e o Diabo no Ocidente se destaca por vários motivos.

Em primeiro lugar, as mulheres são demonizadas e denegridas, consideradas como a porta de entrada para Satã no mundo dos homens. Em segundo lugar, é vista como uma tentação fatal e o erotismo destrutivo está no centro do mito da mulher naturalmente diabólica na literatura e na cultura ocidental após a cristianização.

As mulheres eram consideradas puramente do ponto de vista físico e, portanto, sensível. Eram tidas como naturalmente insaciáveis, e isso porque estariam muito mais próximas da natureza, que era vista, essencialmente, como diabólica, uma vez que o mundo real era tido como o reino de Satã e, portanto, era mentiroso.

Nessa perspectiva, acreditava-se que Satã havia tido acesso à alma feminina, uma vez que o corpo da mulher era mais fraco, podendo ele, assim, ter um mais fácil e maior acesso às almas das mulheres. Sendo assim, elas seriam desprovidas de uma alma forte o suficiente para conseguir discernir o Mal, sendo, portanto, facilmente enganadas pelo mundo externo, ou seja, pelos sentidos.

Franciscus Junius, um intelectual do século XVII, publicou em 1655 um conjunto de manuscritos datados de ca. 1000, século X. Esses poemas escritos em saxão reconta a história do Gênese bíblico trazendo uma nova perspectiva de interpretação para a ligação entre Lúcifer (o Mal) e Eva, e desta em relação ao homem, Adão. No poema conhecido como *Gênese B do Manuscrito*, Eva é tentada por Lúcifer em sua forma angelical, pois assim ela o percebe, como o mais belo e luminoso anjo. Adão, em contrapartida, apenas vê o que de fato Lúcifer é: a serpente que materializa o Mal, a forma sob a qual o anjo escolhe para apresentar- ao homem e à mulher e tentá-los a transgredir as ordens de Deus.

O presente projeto tem por objetivo investigar a relação entre a mulher, Eva, e a figura de Lúcifer tal como construída no poema *Gênese B do Manuscrito de Junius*. Trabalhamos em cima do texto transliterado para o inglês pela especialista Susan Oldrieve, além de colocarmos a tradução em português feita por nós para melhor entendimento. Também iremos



utilizar as imagens do próprio manuscrito, que servem de ilustração ao poema e visam apresentar pictoricamente a própria narrativa em questão.

A partir da investigação da construção do diabólico no poema saxão supracitado, pretendemos analisar as relações no Jardim do Éden de Junius, buscando responder às seguintes questões: por que as percepções de Adão e Eva são distintas em relação a Lúcifer? Qual o motivo para Eva vê-lo enquanto anjo e Adão presenciar a já famosa serpente? Seria a mulher considerada como um ser desprovido de razão e que, portanto, permite que o Mal insinue-se através dos sentidos, que são enganosos?

O DIABO – A SERPENTE NO JARDIM DO ÉDEN

Quando pensamos no Diabo, levando em consideração todo o arcabouço do imaginário cultural ocidental sob cujo pendão nascemos e crescemos, duas possibilidades de imagens nos vêm de imediato à mente: a primeira delas, provavelmente, pertence ao âmbito de Satã, a figura bestial, nem humana nem animal, mas ambas ao mesmo tempo, que emerge na Europa após o século XII, transformando-se no tormento dos pecadores entre os séculos XIV-XVI, durante o auge do que costumou-se denominar de histeria da caça às bruxas.

Por outro lado, a visão do belo e luminoso anjo, que revoltando-se contra Deus foi atirado por Ele no mais profundo inferno a fim de governá-lo por toda a eternidade, sem o direito de questionar a decisão divina, também surge bastante forte em nossa imaginação e ela foi forjada principalmente no embalo do Romantismo, a partir da obra *Caim* (1826), de Lorde Byron, que, por sua vez, foi diretamente inspirado na apoteótica construção luciferiana de John Milton, em seu épico *Paraíso Perdido* (1667).

Contudo, a imagem que maior peso tem para aqueles que foram reféns da construção cultural judaico-cristã, presente no Ocidente desde meados do Império Romano, principalmente a partir do *Édito de Tessalônica*, de Teodósio I (ca.380), que tornou o Cristianismo a única e exclusiva religião oficial do Império Romano, é a figura da serpente, forma sob a qual Satã decide fazer Adão e Eva transgredir os desejos de Deus, fazendo-os cair em desgraça e tornando-os odiosos aos olhos do Senhor dos Céus.

Obviamente que os primeiros padres da Igreja, os filósofos patrísticos, inspiraram-se no próprio texto bíblico genesíaco, no qual encontramos:

1 ORA, a serpente era mais astuta que todos os animais do campo que o SENHOR Deus tinha feito. E esta disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim?

2 E disse a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim podemos comer, 3 Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis, para que não morrais.

4 Então a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis.

5 Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, conhecendo o bem e o mal.

6 E viu a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento; tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido que estava com ela, e ele comeu. (Gen, 3:1-6)

Percebemos que a mulher, personagem principal do texto bíblico sobre a tentação e queda da humanidade, inocentemente é deludida pela serpente, que infiltra-se no Jardim de Deus e, maliciosamente, convence a mulher de suas boas intenções, ocultando sob sua aparência a verdadeira intenção de sua prerrogativa. Em momento algum Adão encontra ou conversa com a serpente, o próprio Mal materializado. Eva, após comer do fruto da árvore do Bem e do Mal, oferece o mesmo ao marido, que o aceita de boa vontade, sendo enganado, por sua vez, pela própria mulher.

No início da Idade Média, entre os séculos IV e VIII, os patrísticos vão ajudar a construir a imagem diabólica na narrativa do Jardim, auxiliando na cristalização da figura da serpente demoníaca que enganou a mulher e que, através dela,



também enganou o homem, arruinando as criaturas de Deus, aturando-os no tempo, pois a queda diz respeito à queda na História, e deu a eles a doença, o sofrimento, a velhice e a morte.

Os primeiros padres conjuraram a imagem da mulher sendo enganada e traída pela serpente, sob cuja aparência encontrava-se Satã disfarçado. O filósofo Orígenes (ca.185-254), em seu *Tratado sobre os Princípios*, nos diz que “em primeiro lugar, no livro do Gênesis, se relata que a serpente seduziu Eva” (Livro III, Capítulo II, §1, p.139). Mais adiante, ele salienta exatamente essa questão, ao dizer que “essa serpente, inspirada pelo diabo, foi a causa da prevaricação de Adão e Eva”. Ainda com Orígenes, ainda temos que “com efeito, o diabo é chamado serpente e dragão: pode haver algo mais frio?” (Tratado, Livro II, Capítulo VIII, §3, p.104).

Em Agostinho (354-430), filósofo cartaginês e um dos mais importantes padres da Igreja primitiva, tendo vivido à época de desestruturação e desagregação do Império Romano, encontramos fala que “a serpente simboliza a morte, introduzida no mundo pela serpente do paraíso” (A trindade, Livro III, Capítulo X, §20, p.87). Seguindo ainda o pensador cartaginês, temos ainda que:

Na conhecida história do casal formado pelas primeiras pessoas criadas, a serpente não comeu do fruto da árvore proibida, mas apenas persuadiu a que o comessem; a mulher não o comeu sozinha, mas deu-o a seu marido, e ambos o comeram, embora tão somente a mulher tenha dialogado com a serpente e somente ela tenha sido seduzida” (A Trindade, Capítulo XII, Capítulo XII, §17, p.229).

Percebamos que, também em Agostinho, a serpente não mantém com o homem qualquer contato ou conversação. Apenas Eva tem contato com o Diabo sob o disfarce reptiliano. Eva deixa-se ilusional pela imagem do animal e não reconhece nele Satã, o princípio do Mal. Novamente com Agostinho, nas *Confissões*, também temos mais uma vez que “a serpente seduziu Eva por sua astúcia” (Livro XIII, Capítulo XIII, §14, p.248). Nesse sentido, percebemos que a mulher não é capaz de discernir o Mal, confundindo, portanto, o Mal e o Bem. O homem, ao contrário, foi levado a pecar pela mulher, deixou-se arrastar pelos sentidos, que são próprios da mulher.

Como podemos observar, muito antes do século X, mulher e Diabo estiveram intimamente relacionados, ainda que a mulher tenha sido enganada pelo disfarce demoníaco, a serpente, não conseguindo separar Mal e Bem, não podendo reconhecer o princípio do Mal. Contudo, no século X, por volta do ano 1000, um poema escrito em saxão antigo, sem autor conhecido e sem nome no original, dividido, atualmente, em quatro partes, trabalho efetuado por especialistas da poesia inglesa antiga, intituladas de *Gênese*, *Êxodo*, *Daniel e Satã* e *Cristo*, trouxe uma imagem um tanto ou quanto distinta das principais narrativas que tínhamos até então a respeito do Jardim do Éden.

Pela primeira vez, e de forma totalmente literária, sem qualquer traço de teologia tradicional por trás, a figura do Diabo emerge no Jardim saxão em sua mais bela e luminosa forma de anjo, imagem esta que é percebida pela mulher. A mudança radical na história genesíaca, em que Eva vê o Diabo como anjo e não como serpente, enquanto Adão, o homem, vê e conserva com a serpente percebendo-a enquanto serpente e reconhecendo nela o princípio do Mal, pode revelar a ligação nefasta que colocaria a mulher como porta de Satanás para o mundo dos humanos.

GÊNESE B – O DIABO E A LOUCURA DE EVA

Junius 11 é uma coleção ilustrada de poesia bíblica vernácula que contém segmentos que foram denominados, como anteriormente citado, de *Gênese*, *Êxodo*, *Daniel e Cristo e Satã*. O *Gênese* divide-se, por seu lado, em duas partes intituladas de A e B. Entre os parágrafos 1-142 encontra-se o poema conhecido por *Gênese A*, e interpolado dentro dele estão os parágrafos 13-40 que é denominado de *Gênese B*. *Gênese B* é tradicionalmente incluído na linhagem de *Gênese A* como sendo os versos 235-851. Segundo Doane (1991), provavelmente, uma só mão escreve ambos os *Gêneses*.

No *Gênese B*, encontramos pela primeira vez um Satã de estatura épica, uma figura rebelde que se recusa a servir a Deus e imagina que pode também criar o seu próprio reino no céu, tornando-se igual a Ele. Nos dois *Gêneses*, encontramos narrativas completas, apresentadas como tal, e não somente teologia disfarçada. É a primeira vez que Lúcifer surge enquanto personagem literário, que, segundo Forsyth (2003, p.51), “firmly set the rebellion and fall of the angels, which the Old Testament omits entirely, into the Genesis story”. Russel (2003) igualmente salientou que o Diabo, antes de qualquer coisa, foi forjado pelos poetas muito mais do que pela Teologia da Igreja.

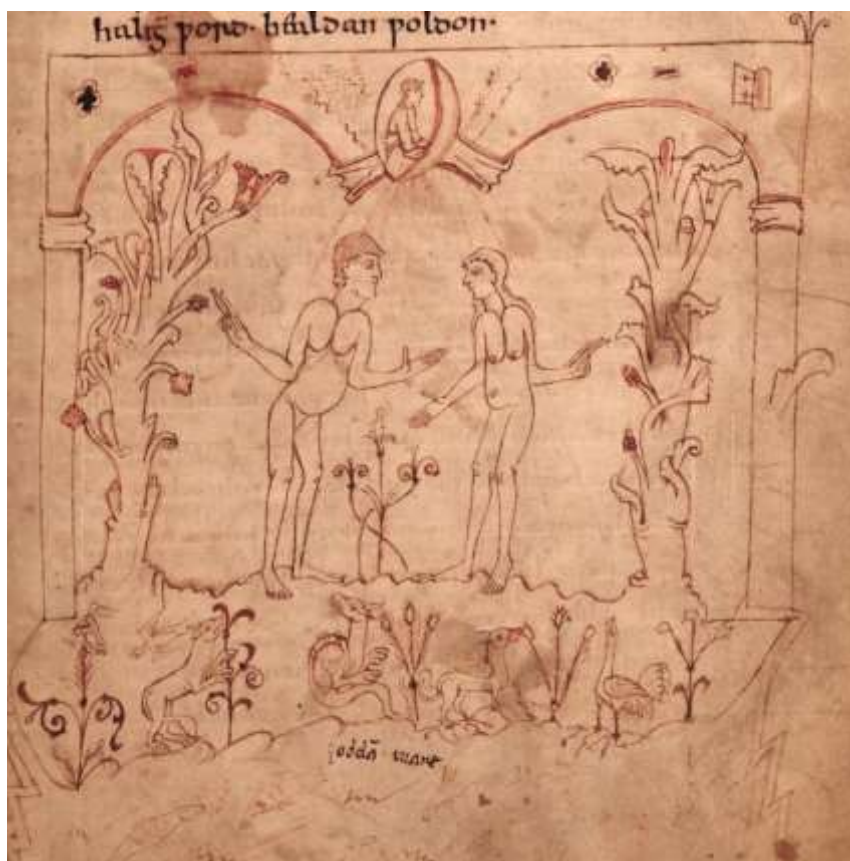


Mais especificamente nos versos que dizem respeito ao *Gênese B*, encontramos novamente a narrativa genesíaca do Jardim do Éden, porém esta nova versão traz contundentes características que a tornam única e que muitos debates provocou nos especialistas, como Oldrieve (1985; 2020), Doane (1991), Krapp (1991), entre outros, que tentaram compreender as motivações por trás da imagem angelical de Satã dentro do Jardim.

Em *Gênese B*, encontramos a mesma narrativa bíblica que tão bem conhecemos. Deus cria homem e mulher, à imagem e semelhança de Deus, e os coloca no Jardim, entre duas árvores. De um lado, a árvore da vida, de cujos frutos Adão e Eva poderiam servir-se à vontade. E do outro lado, a árvore da ciência do Bem e do Mal, de cujos pomos eles deveriam afastar-se, do contrário seus olhos abrir-se-iam e todas as delícias da eternidade e da ausência de sofrimento seriam perdidas.

Na figura 1, temos uma ilustração do *Manuscrito de Junius* em que percebemos Adão e Eva no Jardim do Éden, entre as duas árvores, a da vida e a da ciência do Bem e do Mal. Aos pés deles, vemos os animais, criados e em seguida subjugados ao poder do homem, tal como narra o texto genesíaco:

Figura 1 Oxford Bodleian Library, Junius 11: Adão e Eva no Jardim do Éden



Fonte: Disponível em: https://medieval.bodleian.ox.ac.uk/catalog/manuscript_6318

Os versos de *Gênese B* passam-se após a queda de Lúcifer, fato que é narrado no *Gênese A*. Após voltar-se contra o Criador, questionando-se os motivos pelos quais ele deveria servir, ser inferior a Deus, Lúcifer convence um terço das hostes celestes a rebelar-se consigo e todos são expulsos do Paraíso, atirados no inferno, e Lúcifer recebe de Deus o título de Satã, aquele que em seu orgulho ousou levantar-se contra o próprio Senhor, ao invés de aceitar e alegrar-se pelos desígnios divinos.

Ainda mais revoltado com a decisão de Deus, de condená-lo aos infernos enquanto o homem e a mulher tinham o direito a viverem no Paraíso, enquanto ele próprio, um anjo, encontrava-se na escuridão daquela prisão, da qual deveria agora ser o príncipe, Lúcifer novamente incita os anjos rebelados a prepararem uma armadilha para que as criações adoradas de Deus fossem despojadas de suas condições deleitosas. Lúcifer demonstra ciúme e inveja do homem e da mulher, e uma vez vergenhosamente expulso do Céu, decide fazer com que Adão e Eva também perdessem, aos olhos de Deus, a confiança e o amor d'Ele.



Por esta razão, Lúcifer decide tomar a forma de uma serpente para, assim, aproximar-se do homem (e não da mulher, em um primeiro momento), a fim de provocá-lo à tentação. O verso 428 do *Gênese B* salienta que, após dizer tudo isso aos seus anjos, Lúcifer deixou o Inferno, saindo através dos portões, e estava com um humor alterado. Lúcifer, então, a fim de tentar o homem, toma a forma de uma serpente e questiona Adão:

He cast himself into a worm's body and wound himself around that death-tree, through demon's craft. He took there its fruit and made his way afterwards there where he knew to be the handiwork of Heaven's King. He began then the questioning with his opening words, the hateful one, with lying: "Long you for anything, Adam, from God? I am on his errand hither traveled from far. Nor was it long ago that I sat by God Himself. Then he ordered me to go on this journey to bid you to eat this fruit. He said that your ability and wisdom and security of mind would increase and your body-house greatly lighten, your shape become more shining. He said that for you no need of treasure would there be in the world. Now you have joys earned by your loyalty, given from Heaven's King. (GÊNESE B, versos 491-504)

Ele lançou-se no corpo de um verme e enrolou-se naquela árvore de morte, através da arte do demônio. Ele tomou um dos frutos e fez o seu caminho até onde ele sabia estar a criação do rei do céu. Ele começou, então, seu questionamento com estas palavras iniciais, o odioso, com mentiras: 'Você anseia por alguma coisa vinda de Deus, Adão? Eu estou aqui em Seu nome, vim de muito longe. Não faz muito tempo em que eu me sentei ao lado do próprio Deus. Então, ele ordenou-me que visse nesta viagem para convidar você a comer esta fruta. Ele disse que a habilidade, a sabedoria e a segurança de sua mente aumentariam e o seu corpo tornar-se-ia leve e sua forma tornar-se-ia mãos brilhante. Ele disse que não há qualquer tesouro para você neste mundo. Agora, você terá o pagamento por sua lealdade, dado pelo rei do céu. (Tradução nossa)

Adão vê Lúcifer como serpente, a forma tomada pelo Diabo a fim de enganá-lo. Já neste momento encontramos uma grande diferença quando comparamos com o texto genesíaco bíblico, bem como os comentários dos primeiros padres da Igreja, que sempre salientaram que o Diabo aproximou-se de Eva, jamais de Adão. No poema saxão, Adão é o primeiro a quem o Diabo tenta fazer cair, mas Adão desconfia das verdadeiras intenções daquele ser, e chega a dizer a ele que não reconhece, naquela imagem, a figura de um anjo, pois não se parece com nada do que anteriormente já tinha visto:

You are not like any of his angels that I ever saw, nor do you show me any token that He sends to me as troth, my Leader in loyalty. Therefore I cannot hear you, but you must fare forth. I hold myself fast in Faith up to that almighty God that me with his arms wrought, here with his hands. He may grant to me from his high kingdom gifts with all good things without sending a subordinate. (GÊNESE B, versos 523-547)

Você não se parece com qualquer anjo que eu já tenha visto, nem me mostrou qualquer sinal de que veio em nome d'Ele, meu Líder em lealdade. Portanto, eu não posso escutar você, e você deve seguir em frente. Eu me sustento em minha fé pelo Deus Altíssimo, que me forjou com suas mãos fortes. E ele pode me conceder presentes de seu alto reino com todos aqueles dons bondosos sem enviar para isso um mensageiro. (Tradução nossa)



Figura 2 Oxford Bodleian Library, Junius 11: A serpente aproxima-se de Eva.



Fonte: Disponível em: https://medieval.bodleian.ox.ac.uk/catalog/manuscript_6318

Preterido por Adão, Lúcifer retira-se, irritado, e então resolve acercar-se a Eva, a mulher, a mais bela mulher, que estava colhendo frutos naquele momento. Lúcifer tenta persuadir Eva a comer o fruto e também dá-lo a Adão, afastando de si e do marido a ira divina ao seguir o conselho Dele. segundo Lúcifer, o próprio Deus enviara a ele, o seu anjo mensageiro, para dizer ao homem e à mulher que, agora, eles poderiam comer daquele fruto anteriormente proibido. Lúcifer conta a Eva que Adão havia desconfiado, chamando-o indigno e falso mensageiro, não reconhecendo nele um anjo de Deus.

Como podemos perceber na figura 2, o Diabo acerca-se da mulher na forma de serpente e ela vira-se para olhá-lo. Contudo, não é uma serpente o que Eva vê ali, mas um anjo, como vemos na figura 3. É persuasivo aqui notar que Lúcifer salienta que Eva o vê tal como o anjo que ele fora, mas que Adão fora incapaz de fazê-lo:

Figura 3 Oxford Bodleian Library, Junius 11: Eva vê o Diabo como anjo.



Fonte: Disponível em: https://medieval.bodleian.ox.ac.uk/catalog/manuscript_6318

É justamente que emerge a figura de Lúcifer em seu mais intenso esplendor. Pela primeira vez, em uma narrativa literária, sem qualquer resquício de Teologia tradicional, Satã mostra-se como o belo e resplandecente anjo que foi e que, ao menos aqui, não deixou de ser, dentro do Jardim do Éden. Eva não vê o Diabo como serpente, mas como anjo, o mais belo e luminoso anjo nas palavras da própria Eva nos versos 655-659: “Adam, my dear, this crop is so sweet blithe in my breast, and this shining messenger, God's good angel, I can see by his apparel that he is the errand-man of our Leader, Heaven-King's man”¹. A partir daqui podemos questionar: o Diabo tem forma de serpente ou de anjo?

Figura 4 Oxford Bodleian Library, Junius 11: Adão e Eva vêm o Diabo como anjo após comer o fruto proibido.



Fonte: Disponível em: https://medieval.bodleian.ox.ac.uk/catalog/manuscript_6318

Na figura 4, encontramos homem e mulher em contato com o Diabo, após comerem do fruto, e ambos vendo Satã como anjo. Seria como se o autor em questão desejasse passar a ideia de que o contato com o mundo fenomênico, através da mulher, a porta pela qual Satã entra e chega até o homem, torna-o um ser enganado, praticando ações maléficas. O homem cai em tentação através da mulher, pois ela é o elo mais fraco da cadeia e o Diabo usa-a para alcançar o homem, que não é naturalmente fraco ou predisposto ao Mal.

Percebemos duas chaves de leitura para esta encruzilhada: Adão, provido de razão, sendo homem, conseguiu reconhecer de imediato o Mal encarnado sob a forma da serpente, olhando mais além, para além dos sentidos, e percebendo a essência maléfica do suposto mensageiro; enquanto Eva, sendo mulher, não tendo, pois, a razão, confundiu o Mal com o Bem, não foi capaz de discernir e, por isso, o Diabo apoderou-se de sua alma, teve um maior e mais fácil acesso à mulher e, através dela, chegou ao homem.

Ou, por outro lado, poderíamos também compreender que Adão, atendo-se aos sentidos, percebendo apenas a forma fenomênica da serpente e tomando-a como tal, e não como anjo, pois uma serpente não poderia jamais ser de fato um anjo, repeliu o Diabo acreditando-o um mentiroso, como de fato era; e Eva, mesmo sendo iludida pelo Diabo, mas foi capaz de olhar para além das aparências, transcender a realidade fenomênica e alcançar a outra face do Diabo, sua natureza original, sua essência angélica, criada no céu. Nesse sentido, Eva não foi totalmente enganada, mas foi capaz de encontrar a faceta luminosa, Lúcifer, o belo anjo, enquanto Adão viu apenas Satã, a serpente.

Nessa perspectiva, poderíamos salientar que a maneira pela qual homem e mulher dizem a realidade, Anjo ou serpente? Concluimos, então, que a linguagem molda a realidade e, especificamente, também molda a nossa percepção sobre ela. Em outro padre da Igreja primitiva, Tertuliano, encontramos uma passagem, em sua *Apologia*, diz que Lúcifer é anjo e demônio ao mesmo tempo:

Ille scilicet spiritus daemonicae et angelicae paraturae, qui noster ob divortium aemulus et ob dei gratiam invidus de mentibus vestris dversus nos proeliatur occulta inspiratione modulatis et subornatis ad omnem quam in primordio exorsi sumus et iudicandi perversitatem et saeviendi iniquitatem. Nam licet subiecta sit nobis tota vis daemonum et eiusmodi spirituum, ut nequam tamen et servi metu nonnunquam contumaciam miscent, et laedere gestiunt quos alias verentur. (Capítulo XXVII, §4-6)

Como podemos perceber, sendo metade Satã e metade Lúcifer, demônio e anjo ao mesmo tempo, Eva não incorre em falta de discernimento por confundir o Bem e o Mal, apenas percebeu uma faceta diferente daquela percebida por Adão sem, necessariamente, ter que possuir o espírito fraco para tal. O Diabo é serpente e anjo ao mesmo tempo. Ele continua sendo o belo e luminoso anjo que toma a forma de uma serpente, mas sua essência segue sendo divina, mesmo no mais baixo e deplorável inferno.

Mas que implicações essa imagem pode ter tido posteriormente para a relação que seria estabelecida entre a mulher e o diabólico no Renascimento? Quando vemos um manual como o *Malleus Maleficarum*, publicado em 1486, apenas seis anos antes da data oficial do término da Idade Média, segundo Umberto Eco (2011), percebemos, não pela primeira vez, mas com muito mais ênfase, essa ligação que é estabelecida entre Diabo e feminino. Heinrich Kraemer e James Sprenger, os autores dessa cruel “bíblia dos inquisidores”, buscam argumentos para defender a tese de que a mulher era naturalmente propícia a Satã. Segundo eles, a etimologia da palavra “feminino”, provém de “femina vem de fe e minus, por ser a mulher sempre mais fraca em manter e preservar a sua fé” (SPRENGER; KRAEMER, 2015, p.117). Em seguida, complementam que “as mulheres são, por natureza, mais impressionáveis e mais propensas a receberem a influência do espírito descorporificado” (SPRENGER; KRAEMER, 2015, p.115). Como percebemos, o poema saxão á trazia em sai nuances dessa possível natural fraqueza da mulher para com o diabólico, a falta de capacidade dela em reconhecer o Mal, ou tomá-lo por Bem e, por isso, proceder a ele.

De acordo com Elizabeth Reis (2015), o corpo das mulheres, sendo mais fraco, teria sido considerado apto para abrigar uma alma mais fraca e, por isso mesmo, propensa aos ataques diabólicos. No poema em questão, analisado por nós, o autor diz exatamente isso, ao afirmar nos versos 590-591 que “God had to her the weaker spirit the Creator” (Deus tinha para ela o espírito mais fraco do Criador). Nesse sentido, o Diabo teria total acesso aos espíritos das mulheres, rompendo com facilidade os elos criados mais frouxamente por Deus. Contudo, nesse caso, não seria culpa da mulher ser mais predisposta ao demoníaco, e sim do próprio Criador, que a fizera desse modo.

Ainda de acordo com a autora, o corpo feminino não era apenas um meio para a posseção do Diabo, mas a própria expressão do ataque do Diabo. As mulheres que foram consideradas bruxas tinham seus corpos analisados a fim de buscar sinais físicos de sua fraqueza, da presença do Diabo em seu corpo. Elas eram quem mais permaneciam em apuros durante as investigações de bruxaria. Suas almas, estritamente falando, não eram mais malignas do que as almas dos homens, mas a representação da vulnerabilidade da alma feminina, incapaz, insatisfeita e ansiosa, esperando passivamente por Cristo, mas sempre pronta para sucumbir ao Diabo.

Como podemos observar, as mulheres foram consideradas, após o século XII, mais prováveis do que os homens para se submeter a Satanás. A alma feminina de uma mulher, o corpo frágil, submisso e passivo - qualidades que a maioria das pessoas consideravam femininos - permitiria que ela se tornasse uma esposa de Satanás. O imaginário dera mais um passo contundente. Consideraram que as almas das mulheres faziam naturalmente uma escolha explícita e agressiva de se unir ao diabo. Definir uma bruxa como uma pessoa cuja alma (feminina) pactuou com Satanás ao assinar um pacto do Diabo, em vez de esperar quietamente por Cristo.

Essa distinção claramente condenou as mulheres a permanecerem marginalizadas, com acesso restringido ao conhecimento, bem como sua liberdade para produzir e garantir sua própria subsistência. Desse modo, percebemos que após o século XII, há uma polarização entre homem e mulher que, no que diz respeito ao Diabo, classificou o homem como superior, como um ser que não é naturalmente mal, mas que pode ser tentado por ele através do polo mais fraco, qual seja, a mulher. Sobre isso, Bonnie Anderson e Judith Zinsser afirmam que:

Os homens das cidades encontram novos modos de enunciar os velhos temores. Os oradores seculares e religiosos ressuscitaram com novo vigor e clareza o leque de antigas imagens negativas das mulheres. Eram descritas como as instigadoras do vício, perigosas por natureza e potencialmente fora de controle: irmãs ingratas, sedutoras insaciáveis, esposas adúlteras e harpias. Os homens das cidades elaboraram leis para controlar e reprimir as mulheres, cujo castigo era desde multas a execução. Fizeram das mulheres objeto de cruéis piadas, ridicularizando-as para alimentar seu sentimento de superioridade. (BONNIE; ZINSSE, 1991, p.156)

A imagem da mulher foi interligada ao que é fraco e, conseqüentemente, material, dando ensejo a um processo de demonização da mulher. Em um mundo em que a mulher seria considerada como um ser desprovido de razão, sem o discernimento necessário para separar o Bem e o Mal, confundindo-os, ela seria, obviamente, por natureza, muito mais predisposta a ser utilizada pelo Diabo como instrumento para os planos maléficis no mundo e contra o homem.

Ele acessa a alma feminina muito mais facilmente para apropriar-se do corpo. Sendo a mulher altamente relacionada com a falta da capacidade de critério, seria ela sempre a mais vulnerável, aquela a ser possuída pelo Mal e, em



consequência, não só cometendo atos impróprios, contra Deus e a fé, e contra a Igreja também, mas também provocando a queda dos homens, fazendo-os pecar, cair em tentação, e também cometer ações maléficas.

Agostinho diz algo muito interessante:

Neste caso, pode-se dizer que se dá como quando a serpente se dirige à mulher. Consentir nessa sedução é como comer da árvore proibida. Mas se esse consentimento limita-se a um simples prazer do pensamento e os membros corporais ficam bem contidos pela autoridade de um conselho superior e não se entregam ao pecado, como armas de iniquidade, então parece-me poder se comparar à mulher que come sozinha do fruto proibido. Mas, se ao contrário, houver consentimento de usar mal das coisas percebidas pelos sentidos do corpo, de tal modo que a mente se determine a pecar e, se estiver em seu poder, fazê-lo até com o corpo, então seria como a mulher dando a seu marido o alimento ilícito para juntos o comerem. Com efeito, pode-se dar o pecado, não apenas quando se pensa em algo mau, com agrado, mas também quando se determina na mente a realizá-lo — e isso tão-somente se realiza quando a intenção da mente que tem o poder de mover os membros corporais à ação ou de impedi-lo, venha a ceder e sujeitar-se à ação pecaminosa. (A Trindade, Livro XII, Capítulo XII, §17, p.230)

Na perspectiva do filósofo, a mulher, ao se deixar seduzir pela serpente, não teria esse tal “conselho superior” que nós poderíamos interpretar como sendo a razão, essa racionalidade negada à mulher desde Aristóteles. Se Eva tivesse a razão, ela não teria sido seduzida e não teria se entregado ao pecado. Agostinho afirma que o homem, embora tendo a razão, deixou-se levar pelos sentidos, logo pecando. A mulher não teria, pois, o conselho superior, a capacidade de discernimento que poderia tê-la impedido de ser seduzida pelo Diabo. O homem, ao contrário, foi levado a pecar pela mulher por ter ele o conselho da razão, mas mesmo assim, deixou-se arrastar pelos sentidos, que são próprios da mulher.

A mulher era vista como corpo, como ser ligada aos sentidos, e por isso mesmo deixa-se enganar pelos sentidos no poema, supostamente vendo um anjo onde estava uma serpente. Logo, ela foi associada ao mundo e ao diabo. Tentações pecaminosas inventadas por Satanás, como carnalidade, embriaguez e licenciosidade, provocaram o corpo e ameaçaram desviá-lo, permitindo assim a Satanás uma incursão na alma. O corpo e a alma eram essenciais para o ser humano. Cada um tinha seu propósito específico, embora a alma reinasse suprema. Todas as várias partes do corpo foram feitas para estar sob o comando e sob o governo da parte nobre, qual seja, a alma.

O corpo deve guiar-se de acordo com a direção da alma. O corpo obedece às ordens da alma; um corpo fraco, que não podia resistir aos ataques ou seduções do Diabo, tornava a alma vulnerável à extorsão de Satanás. Desse modo, a mulher tornou-se um inimigo próximo porque dentro dela encontra-se o mais perigoso que existe para o homem. A mulher transforma-se em um Inimigo que esconde o Mal em seu próprio seio, e por isso possui a capacidade de fazer o mal. Parece irônico que se tenha imaginado o corpo protegendo a alma em vez do contrário, de modo que um corpo forte significa uma alma menos vulnerável a Satanás. A mulher, portanto, passou a ser vista como o elo mais fraco na relação alma / corpo. Um corpo mais forte tinha menos probabilidade de se submeter às tentações do Diabo e, assim, protegia melhor a alma da dominação de Satã.

Curiosamente, como salienta Reis (2015), embora um corpo fraco e uma alma vulnerável deixem alguém aberto a Satanás, eles também podem encorajar a fé em Deus. É isso que defende a autora em seu artigo. As mulheres teriam um potencial particular para o bem. Mas os corpos mais frágeis das mulheres também as expuseram ao poder de Satanás, talvez encorajando um potencial peculiar para o mal – que era o legado de Eva, tal como mostrado no poema.

No contexto dos surtos de feitiçaria que surgiram na Idade Moderna, uma época de extraordinária incerteza e medo, os habitantes europeus se concentraram no lado mais sombrio da feminilidade, enfatizando a vulnerabilidade do corpo e da alma das mulheres ao Diabo, em vez de sua abertura para a regeneração. Mulheres como bruxas eram tão ameaçadoras porque suas almas tomaram uma decisão consciente de se aliar a Satanás naturalmente, uma vez que elas não eram capazes de separar o Mal e o Bem, e por natureza os confundiam.

CONCLUSÃO

O Diabo é filho de seu tempo e o Diabo no jardim do Éden igualmente o é. Sendo assim, investigar a infância dessa figura polêmica e, ao mesmo tempo, fascinante, faz-se necessária, bem como procurar compreender o que poderia estar na origem da relação estabelecida entre mulher e Diabo nos séculos posteriores. A maior parte das representações que



temos a respeito do demoníaco advém dos horrores da Renascença e do período moderno. A histeria da Inquisição, inaugurada no século XII, na França, que desencadeou, principalmente a partir do século XIV, a chamada caça às bruxas, foi a responsável por passar às mentes das futuras gerações o pavor por esse personagem ambíguo, pouco compreendido e bastante injustiçado.

Personagem sempre polêmico, o Diabo é uma invenção cristã. Como sabemos, o *Antigo Testamento* hebraico ainda não contava com uma figura material que encarnasse a imagem do Grande Inimigo. Foi entre os séculos XII-XV que a figura de Satã surgiu no palco da História sob atavios horrendos e relatos pavorosos. Nesse período específico, entre o fim do Medieval e o Renascimento, a Igreja e, conseqüentemente, as pessoas, tomaram-se de uma obsessão pelo Demônio a ponto de produzir milhões de fogueiras de feitiçaria.

A relação do Mal com a figura da mulher é temática corrente através dos séculos. A mulher é a porta do Diabo porque Eva foi enganada pela serpente, mordeu a maçã e agora o mundo encontra-se em apuros. Tanto na Bíblia quanto nos comentários posteriores, principalmente no início da Igreja, a mulher é enganada pela presença da serpente na qual não reconhece o Mal. Contudo, em um poema saxão datado do século X, e portanto posterior aos primeiros relatos patrísticos, Eva não vê qualquer serpente no Jardim do Éden, mas um anjo, belo e cheio de luz, em quem acredita como sendo enviado por Deus.

No presente artigo, analisamos a imagem do Diabo no poema saxão intitulado *Gênese B*, presente no *Manuscrito de Junius*, publicado pela primeira vez em 1655, mas cuja escritura data do século X, por volta do ano mil. Ao analisar a questão problemática da mulher que ver, não uma serpente, mas um anjo, põe em questionamento os motivos pelos quais diferenciou-se a percepção de homem e mulher no Jardim do Éden saxão. Teria o poema saxão, ainda no século X, trazido em si nuances da relação que se estabeleceria, nos séculos posteriores, entre mulher e Diabo?

Gênese B, poema escrito em língua saxã antiga, faz parte de um conjunto de poemas publicados sob o nome de *MS Junius 11 in the Bodleian Library at Oxford*, normalmente referido apenas por *Manuscrito de Junius*. Esse livro contém poemas sobre assuntos bíblicos, sem título no manuscrito original, mas denominados por críticos modernos, respectivamente, por *Gênese (A e B)*, *Êxodo*, *Daniel* e *Cristo e Satã*.

O manuscrito foi a primeira coleção poética do inglês antigo a ser impresso, por Franciscus Junius, em 1655. Junius acreditava que os poemas tinham sido escritos por Credmon, um poeta inspirado e inovador da poesia cristã inglesa, que ficou famoso pela *História Eclesiástica* de Beda. Atualmente, é comumente aceito que os poemas no manuscrito não são de Credmon. Na verdade, cada poema provavelmente pertence a um autor diferente.

No entanto, os poemas foram coletados e organizados em um manuscrito, fato que permite e nos encoraja a considerá-los como um grupo, e levanta a possibilidade de que o significado de um poema pode ser esclarecido pelo estudo de seus companheiros de manuscrito. O contexto físico desses poemas, em outras palavras, pode ser nossa melhor pista para seu contexto interpretativo.

O poema especificamente denominado de *Gênese B* narra a tentação de Adão e Eva e a queda da humanidade. Contudo a descrição dada a Lúcifer difere de qualquer outra versão anteriormente apresentada pelos padres da Igreja, como Agostinho, que retrata Lúcifer em sua *Cidade de Deus* e também nas *Confissões* como a serpente que se aproximara de Eva para tentá-la.

Ao colocar Adão como sendo capaz de perceber na serpente a encarnação do Mal absoluto, enquanto Eva, supostamente olhando para uma serpente, mas percebendo um anjo belo, o autor do poema, desconhecido, afirma ter a mulher uma alma fraca, dada pelo próprio Deus, pois o Criador tivera para ela a parte mais fraca do espírito. Nesse sentido, estabeleceu-se que a mulher seria naturalmente propícia aos ataques do Diabo, o que fê-la ser vulnerável no fenômeno moderno da histeria de caça às bruxas e da perseguição da Inquisição.

Notamos, através das gravuras presentes também no manuscrito, que Adão, após ter comido do fruto oferecido pela mulher, passa a ver o Diabo na forma de um anjo iluminado. Essa problemática fornece a ideia de que o homem, através da mulher, é atingido pelo Diabo, pois o homem em si mesmo, naturalmente, não está apto a ser possuído ou atacado pelo Diabo. Apenas mediante a mulher Satã consegue fazer o Mal no mundo, como salientou os inquisidores Heinrich Kraemer e James Sprenger, em 1486, em seu mais cruel relato de misoginia jamais produzido pela humanidade.

Considerar as mulheres mais vulneráveis a Satanás por causa de sua imagem, de uma crença da alma mais débil e sua relação com o corpo permitiu-lhes associar feminilidade com Mal e pecado. Durante os episódios de feitiçaria, os eruditos e as pessoas comuns moldavam crenças e interpretavam as circunstâncias, acabando por cooperar na construção do mundo natural e sobrenatural. Este mundo medieval dos séculos posteriores ao XII, foi influenciado por considerações de gênero, dimensão que não visamos discutir aqui. A compreensão das pessoas sobre os corpos e almas



das mulheres e dos homens não apenas refletia a natureza de gênero de seu universo social, mas os comportamentos e poderes sobrenaturais que eles acreditavam que o diabo conferia às mulheres. E as bruxas ecoavam os arranjos de gênero mais mundanos desse momento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Bonnie S.; ZINSSER, Judith P. *Historia de las mujeres: una historia propia: vol. 1*. Barcelona: Critica, 1991.
- BYRON, George Gordon. *Caim*. Tradução de Antonio Franco da Costa Meireles. São Paulo: Clepsidra, 2019.
- DOANE, Alger. *The saxon Genesis*. Madison, Wisconsin, US: The University of Wisconsin Press, 1991.
- ECO, Umberto. *Idade Média – Bárbaros, Cristãos e Muçulmanos. Vol I*. Tradução de Luiz Roberto Salinas. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- FORSYTH, Neil. *The Satanic epic*. New Jersey, US: Princeton University Press, 2003.
- KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *O martelo das feiticeiras*. Tradução de Paulo Fróes. 27. Ed. Rio de Janeiro: Record – Rosa dos Tempos, 2015.
- KRAPP, George Philip (org). *The Anglo-Saxon poetic records – A collective edition. Vol I: The Manuscript of Junius*. London, UK: George Routledge & Sons, Limited; New York, US: Columbia University, 1991.
- KRAPP, G. P. *The Junius Manuscript, Anglo-Saxon Poetic Records 1*. New York: Columbia University Press, 1931. Disponível em: https://medieval.bodleian.ox.ac.uk/catalog/manuscript_6318
- MILTON, John. *Paraíso Perdido*. Tradução de Daniel Jonas. 2. Ed. São Paulo: Editora 34, 2016.
- MUCHEMBLED, Robert. *Uma história do Diabo – séculos XII – XX*. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.
- OLDRIEVE, Susan. *Genesis B – Introduction and Translation*. aldwin Wallace College. The Department of English. Web. October 13, 2010. Disponível em: <http://homepages.bw.edu/~uncover/oldrivegenesisb.htm> Acesso em: 10 de fevereiro de 2021.
- _____. *Tradicional exegesis and the question of guilt in the OE Genesis B*. *Traditio*. 41.117-44, 1985.
- ORÍGENES. *Tratado sobre os princípios*. Tradução de Alfonso Roper. São Paulo: Paulus Editora, 2012.
- REIS, Elizabeth. *The Devil, the Body, and the Feminine Soul in Puritan New England*. *The Journal of American History*, Vol. 82, No. 1 (Jun., 1995), pp. 15-36.
- SAGRADA Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos. Tradução: José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.
- SANTO AGOSTINHO. *A Trindade*. Tradução de Frei Agostino Belmonte. 2.ed. São Paulo: Paulus Editora, 1994.
- _____. *Confissões*. Tradução de Lorenzo Mammì. São Paulo: Penguin Companhia das Letras, 2017.
- TERTULLIAN. *Apologeticus*. Translated in english by T. R. Glover. Massachusetts, US: Harvard University; London, UK: William Heinemann Ltda., 1977

NOTAS

¹ Adão, meu querido, esta fruta é tão doce, alegra meu peito, e este mensageiro brilhante, Bom anjo de Deus, eu posso ver por suas vestes que ele é um encarregado de nosso líder, um Homem do Rei dos Céus” (Tradução nossa)

